

**HUMPTY DUMPTY, VILÃO?:  
A TRANSFORMAÇÃO DESSE PERSONAGEM EM O GATO DE BOTAS**

Laiz Munire Sales Costa<sup>1</sup>

Orientadora: Prof. Dr.<sup>a</sup> Marlene Holzhausen

**Resumo:** As adaptações fílmicas de obras literárias consideradas canônicas oportunizam deslocamentos temporais, espaciais e culturais, além de exigir transformações, tendo em vista a mudança no meio semiótico. Esse artigo busca desenvolver algumas considerações sobre a tradução como forma de resignificação e sobrevida de obras literárias, a partir da análise do personagem *Humpty Dumpty*, presente no romance *Através do espelho e o que Alice encontrou lá*, de Lewis Carroll (1871), no filme *O Gato de Botas*, dirigido por Chris Miller (2011). Essas releituras e recriações atualizam os textos literários e os tornam mais populares.

**Palavras-chave:** Tradução intersemiótica. Lewis Carroll. Humpty Dumpty. Cinema

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Literatura e Cultura da Pós-Graduação em Letras da UFBA.  
E-mail: laizmunire@yahoo.com.br

## 1 INTRODUÇÃO

A prática da Tradução iniciou-se há muito tempo com a tradução de textos gregos para o latim. A partir da tradução da Bíblia, as discussões sobre essa prática obtiveram maior importância. Com o objetivo de facilitar o acesso e difundir conhecimento, as atividades tradutórias foram crescendo e são, cada vez mais, presentes atualmente, o que propicia a divulgação e a aproximação de culturas.

Apesar de a Tradução ter um papel importante na disseminação cultural, os estudos tradutórios só iniciaram a partir da metade do século passado, sob a perspectiva linguística. O linguista Roman Jakobson (2005), na década de 50, apresentou três tipos de tradução: a) intralingual ou *reformulação*, que “consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua”; b) interlingual ou *tradução propriamente dita*, que “consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua”; c) intersemiótica ou *transmutação*, a qual “consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais” (p. 64-65). A primeira, portanto, refere-se à utilização de palavras sinônimas ou à combinação de palavras equivalentes. Jakobson destaca a importância do tradutor no segundo tipo de tradução, pois ele precisa compreender, recodificar e transmitir a mensagem em códigos linguísticos diferentes. Ao contrário da tradução interlingual, ele não detalha muito o terceiro tipo de tradução. Mas se percebe que, de um modo geral, a tradução não estava ligada diretamente à literatura.

A tradução intersemiótica vem sendo cada vez mais estudada a partir da releitura de obras literárias para a produção cinematográfica, por exemplo. A atualização de textos literários considerados canônicos possibilita sua aproximação com um público maior, permitindo novas leituras e interpretações. Matemático e professor universitário na *Christ Church*, em Oxford, Charles Lutwidge Dodgson, mais conhecido por Lewis Carroll, publicou vários livros, entre eles os mais famosos são *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas* (1865) e *Através do Espelho e o que Alice Encontrou por Lá* (1871). Esse autor inglês viveu durante a Era Vitoriana, que foi o período do reinado da Rainha Vitória, de 1837 a 1901, entretanto suas obras ainda continuam encantando crianças e adultos, sendo traduzida para diversos idiomas e adaptadas para outros meios semióticos.

Propomos, portanto, neste artigo uma análise acerca do personagem Humpty Dumpty presente no romance *Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá* no

filme *O Gato de Botas* (2011), do diretor Chris Miller, com o propósito de averiguar a transformação desse personagem no filme como processo criativo e produtor de novos significados.

## 2 HUMPTY DUMPTY

Humpty Dumpty é um dos personagens mais famosos e aparece no sexto capítulo do livro *Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá*. Narrativa que dá continuidade ao primeiro livro de Carroll, *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas* (1865). Quando Alice avança para a sexta casa do jogo de xadrez, no qual ela pretende se tornar uma rainha, Humpty Dumpty aparece, primeiramente, de forma oval na prateleira na loja da ovelha, no capítulo *Lã e Água*. Em seguida, transforma-se nesse personagem oval, mas com feições humanas. O cenário modifica-se repentinamente e Humpty Dumpty encontra-se agora na parte mais alta de um muro bem alto e estreito. Alice fica assombrada com o fato de ele manter o equilíbrio, ainda que com as pernas cruzadas.

Considerado um dos maiores especialistas em Carroll e sua obra, Martin Gardner (2002), na edição comentada de *Alice*, afirma que Humpty Dumpty é um filólogo e um filósofo versado em questões linguísticas, pois brinca com as palavras. Em seu jogo linguístico *nonsense*, ele considera que os nomes comuns significam o que realmente se quer dizer, ao contrário dos nomes próprios “Alice” e “Humpty Dumpty”, que, segundo ele, deveriam ter significação geral, conforme se observa no trecho abaixo:

“Meu nome é Alice, mas...”

“Um nome bem bobo!” Humpty Dumpty a interrompeu com impaciência. “O que significa?”

“Um nome *deve* significar alguma coisa?” Alice perguntou ambigualmente.

“Claro que deve”, Humpty Dumpty respondeu com uma risada curta. “Meu nome significa meu formato... aliás um belo formato.”

Observa-se que o personagem fala sobre o seu formato que, de acordo com Gardner, “em inglês, a expressão ‘*Humpty-Dumpty*’ é usada como termo ofensivo para alguém ‘baixinho e gordo’” (p. 199). Há interpretações que indicam que o personagem seria uma sátira aos intelectuais pretenciosos da época. Gardner cita a existência de

algumas versões sobre a origem do nome *Humpty Dumpty*, dentre elas a cantiga de crianças “Humpty-Dumpty”, que dataria do final do século XVIII (2002, p. 200):

Humpty Dumpty num muro se aboletou,  
Humpty Dumpty lá de cima despencou.  
Todos os cavalos e os homens do Rei a arfar  
Não conseguiram de novo lá para cima o içar.<sup>2</sup>

A segunda versão para a origem do nome é a de que seria um poderoso canhão, coloquialmente chamado Humpty Dumpty, que foi usado na Guerra Civil inglesa (1642-1649) para defender a Igreja de Colchester no cerco do verão de 1648, porém o canhão foi atingido e tombou. Houve a tentativa de levantá-lo novamente, mas ele era muito pesado, sendo assim nem mesmo todos os homens e nem todos os cavalos puderam reerguê-lo<sup>3</sup>. Já a terceira versão remete a Ricardo III, que era corcunda e manco, foi o último Rei da Inglaterra da Casa de Iorque, entre 1483 e 1485<sup>4</sup>. Trecho do capítulo do livro parece fazer referência a essa figura histórica (p. 201):

“Se eu caísse”, continuou, “o Rei *me prometeu...* ah, pode empalidecer, se quiser! Não esperava que eu fosse dizer isto, esperava? O *Rei me prometeu.. da sua própria boca... que... que...*”  
“Mandaria todos os seus cavalos e todos os seus homens”, Alice interrompeu, de maneira muito imprudente.

De certa forma, Carroll já antecipou o personagem Humpty Dumpty em seu poema *The Headstrong Man*, publicado postumamente no livro *Useful and Instructive Poetry*, em 1954. No livro, *The Place of Lewis Carroll in Children’s Literature* (2011), a autora Jan Susina comenta que:

o poema conta a história de um homem altivo e arrogante que está “em cima de um muro elevado” e se recusa a ouvir os conselhos daqueles que o cercam, que o avisam “Eu temo que você caia.” O homem, que ignora os conselhos dos outros, finalmente tem um trágico acidente; Carroll reutilizaria esse personagem mais tarde na figura de Humpty Dumpty<sup>5</sup> (p. 19)

---

<sup>2</sup> Tradução de “Humpty Dumpty sat on a wall./ Humpty Dumpty had a great fall./ All the king’s horses and all the king’s men/ Couldn’t put Humpty Dumpty in his place again.” em CARROLL, Lewis. *Through the Looking and What Alice Found There*. London: Penguin Books, 1994.

<sup>3</sup> Disponível em: [http://www.rhymes.org.uk/humpty\\_dumpty.htm](http://www.rhymes.org.uk/humpty_dumpty.htm). Acesso em 02 abr 2013.

<sup>4</sup> Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ricardo\\_III\\_de\\_Inglaterra](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ricardo_III_de_Inglaterra)>. Acesso em 03 abr 2013.

<sup>5</sup> Tradução minha de: “The Headstrong Man,” in *Useful and Instructive Poetry*, tells the story of the haughty and arrogant man who stands “Upon a lofty wall” and refuses to heed the advice of

Desde a sua adolescência Lewis Carroll demonstrava interesse pelos jogos de palavras e enigmas linguísticos, criando o termo *portmanteau word*<sup>6</sup>, o qual Humpty Dumpty explica como sendo quando “há dois sentidos embalados numa palavra só” (p. 206). Esse termo tornou-se comum para referir-se a vocábulos inventados que carregam, como uma mala, mais de um significado. Assim, Humpty Dumpty elucida palavras desconhecidas do poema *Jabberwocky*<sup>7</sup> para Alice, o que possibilita ao leitor um maior entendimento do ponto de vista do autor.

Segundo Gilles Deleuze, em *Lógica do Sentido* (2009), as palavras-valise podem ser definidas pela contração de várias palavras e envolvem vários sentidos como, por exemplo, a palavra “furiante” = fumante + furioso. Ele ainda afirma que somente a sua junção não indica uma palavra-valise. Para Deleuze, “uma palavra-valise só é necessariamente fundada e formada se coincide com uma função particular da palavra esotérica<sup>8</sup> que ela pretende designar” (p. 47). Dessa forma, ele exemplifica *Jabberwocky* como uma palavra-valise, pois além de ser o título do poema, seu teor coincide com a função e refere-se a um animal fantástico.

Assim, possuidor de grande conhecimento linguístico, Humpty Dumpty esclarece o poema, mas trata Alice com um certo desprezo, pois, ao se despedir, ele afirma que não a reconheceria se eles se encontrassem novamente, dando-lhe um de seus dedos para apertar, o que, na época, era praticado pelos membros da aristocracia vitoriana ao cumprimentar os que lhes eram socialmente inferiores. Em seguida, Alice diz adeus, porém não obtém resposta, considerando-o como a pessoa mais insatisfatória de todas que já conheceu.

### 3 HUMPTY DUMPTY, EM O GATO DE BOTAS

Baseado no personagem do escritor francês Charles Perrault, da obra *Le Maître chat* ou *le Chat botté*, a animação *O Gato de Botas* foi lançada no final do ano de 2011 e indicada ao Globo de Ouro de Melhor Longa Metragem Animado em 2012. O filme

---

those around him, who warn him “I fear you’ll fall.” The man, who disregards the advice of others, finally does have a tragic accident; Carroll would later reuse this character in the figure of Humpty Dumpty in *Looking-Glass*. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books>>. Acesso em 15 abr 2013.

<sup>6</sup> Em português, palavra-valise.

<sup>7</sup> Poema presente no final do primeiro capítulo do livro *Através do Espelho*.

<sup>8</sup> Para Deleuze, as palavras esotéricas em Carroll dizem-se respeito à coexistência de proposições heterogêneas.

*O gato de botas*<sup>9</sup> conta a história do Gato de Botas que vive muitas aventuras junto com Humpty Dumpty e a gata Kitty Patas Macias, sendo que esse filme relata sua jornada heroica antes de conhecer *Shrek*, protagonista do filme com a mesma titulação. Como um fora da lei, o Gato é procurado pela justiça por roubo, no entanto o nosso herói possui um pouco de caráter, já que não rouba igrejas, nem crianças órfãs. Com o propósito de nos contar a história de sua vida, a narrativa regressa ao momento que o gatinho foi abandonado e foi parar em um pequeno vilarejo chamado San Ricardo, nome que parece remeter ao Rei Ricardo III citado anteriormente. Lá uma senhora o acolheu, a qual a chamava de mãe. Ela era dona de um orfanato onde criava outras crianças abandonadas.

Nesse lugar, o Gato conheceu Humpty Alexander Dumpty, que se tornaria seu grande parceiro de aventuras. Humpty Dumpty sempre foi um personagem criativo e mentor de muitas invenções. Desde criança, ele pensava nos feijões mágicos que iriam crescer até alcançar um lugar no céu onde iria encontrar a Gansa dos Ovos de Ouro<sup>10</sup>, personagem da fábula de Esopo, que conta a história de um velho camponês que foi presenteado com uma gansa, que punha vários ovos de ouro. Ele ficou muito rico, vendendo-os, mas matou o animal movido pela sua ganância em retirar os ovos de dentro do ganso. Então, temos a moral da história “quem tudo quer, tudo perde”. No entanto, temos também a fábula inglesa *João e o Pé de Feijão*, de Benjamin Tabart, publicada em 1807, mas popularizada por Joseph Jacobs com a publicação de *English Fairy Tales*, em 1890<sup>11</sup>.

Nessa história, o menino João vai ao mercado e troca a vaca da família por cinco feijões mágicos. Sua mãe fica enfurecida e joga os feijões pela janela. À noite, enquanto todos dormem os feijões germinam e dão origem a gigantes pés de feijão que atingem o céu acima das nuvens. Ao acordar, o menino escala o feijoeiro e encontra um castelo onde habita um gigante, possuidor de moedas de ouro e a galinha dos ovos de ouro. João furta alguns itens, porém, ao notar os roubos, o gigante persegue João, que foge e consegue cortar o pé de feijão rapidamente.

Pode-se observar, portanto, que há relações intertextuais no filme porque as histórias se entrelaçam. O diretor cria uma nova história, tendo como base fábulas e contos infantis, que são recontadas e atualizadas na contemporaneidade, sendo o Gato

---

<sup>9</sup> O título em inglês é *Puss in boots*.

<sup>10</sup> Informações disponíveis em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/O\\_Ganso\\_de\\_Ouro](http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Ganso_de_Ouro)>. Acesso em 29 abril 2013.

<sup>11</sup> Disponível em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o\\_e\\_o\\_P%C3%A9\\_de\\_Feij%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_e_o_P%C3%A9_de_Feij%C3%A3o)>. Acesso em 13 maio 2013.

de Botas o protagonista dessa ‘nova’ história. Dentre suas travessuras, o Gato salvou a mãe do Comandante de Polícia do lugarejo de um touro raivoso. Daí, o Gato foi homenageado e recebeu uma espada, chapéu, botas e cinto, tornando-se assim o Gato de Botas. A partir daí, o Gato não queria mais roubar e isso despertou a inveja de seu amigo Humpty Dumpty, que, posteriormente, o envolveu em uma armadilha e, em seguida, desapareceu. Após sua partida, o Gato de Botas busca uma forma de limpar o seu nome e resolveu roubar os feijões de Jack e Jill, um casal de bandidos. No entanto, o Gato de Botas descobre finalmente que tudo se tratava de outra armadilha de Humpty Dumpty que o usou a fim de roubar o filhote da gansa dourada. Apesar de sua esperteza, ele precisava da eficiência do Gato de Botas para executar o seu plano.

#### **4 VILÃO?: TRANSFORMAÇÃO E SUPLEMENTO**

Observamos que tanto no livro *Alice Através do Espelho*, quanto no filme *O Gato de Botas*, o personagem Humpty Dumpty é possuidor de grande sabedoria e esperteza. Detentor de conhecimentos linguísticos, ele envolve os personagens à sua volta em relações de simpatia e despreço. Verifica-se que o diretor Chris Miller ampliou a atuação do personagem no filme, pois, no livro, Alice aparece encantada com os seus conhecimentos, no entanto revela a sua insatisfação ao ir embora, pois ele não foi muito cortês ao se despedir, enquanto, no filme, Humpty Dumpty mostrou-se desleal ao Gato, pois traiu o amigo de infância e o expôs ao perigo em muitas situações.

Esse personagem, portanto, passou por transformações, isto é, houve modificações na sua forma de representação. O diretor, primeiramente na posição de leitor, pode fazer suas próprias interpretações sobre o referido personagem, tendo em vista o seu momento histórico e sua visão de mundo. Do mesmo modo, ele também é um tradutor porque tem a possibilidade de transpor para a tela a sua versão. Sendo assim, as transformações problematizam a questão da equivalência de que existe um original e uma tradução que o desloca histórica e espacialmente.

Os estudos linguísticos modificaram-se com o tempo e a tradução de uma obra literária, por exemplo, que era vista como mera transferência ou substituição de palavras de uma língua para outra sofreu mudanças. Antigamente, o processo tradutório era similar ao transporte dos vagões de um trem, sendo o tradutor um mero transportador dessa carga. É a tradução ao pé da letra! As traduções eram julgadas como “boas” ou “más”, avaliando as “boas” como aquelas que conseguiam reproduzir na outra língua a

originalidade do texto de partida, o que reporta à preocupação com a essencialidade do texto.

Há, portanto, duas questões importantes a serem consideradas: a fidelidade e a hierarquia. A primeira diz respeito à equivalência, isto é, espera-se que na outra língua aconteça a reprodução literal do texto anterior, considerando apenas a estrutura linguística. Qualquer modificação no ponto de vista ou na expressão da mensagem é considerada como infiel porque deformou o sentido “original” do texto. O seu autor é o criador de uma obra de arte “original” e o tradutor está em segundo plano porque produz o simulacro, ou seja, a cópia degradada. Isso acontece porque o “original” dá a ideia de autenticidade e a sua reprodução presume a sua multiplicação, o que possibilita a sua “vulgarização” e perda da “aura”. Observa-se, assim, que as cópias são hierarquicamente inferiores ao “original”, que possui um caráter único e singular.

Atualmente, esses conceitos têm sido questionados e as dicotomias de outrora têm cedido espaço ao hibridismo. As recentes reflexões sobre os estudos tradutórios enfatizam a heterogeneidade de modo a desconstruir antigos pensamentos acerca da fidelidade e da hierarquização das traduções em relação ao texto-fonte. Para Deleuze (2009), “o simulacro não é uma cópia degradada, ele encerra uma potência positiva que nega tanto o *original* como a cópia, tanto o modelo como a reprodução” (p. 267). Isso significa que não é mais possível a hierarquização entre “original” e “cópias”, as quais trazem a divergência e o descentramento, possibilitando a criação de novas obras que, de alguma forma, estão vinculadas ao “original”. Assim, podemos pensar no conceito de “transtextualidade” proposto por Gérard Genette<sup>12</sup> em *Palimpsestes*, abrangendo o “dialogismo” de Bakhtin e a “intertextualidade” de Kristeva, que, segundo ele, se refere a “tudo aquilo que coloca um texto, manifesta ou secretamente, em relação com outros textos” (Genette apud STAM, 2008, p. 21)

Dessa forma, Genette estabelece cinco tipos de relações transtextuais: 1) intertextualidade, que indica a existência ou o diálogo de dois ou mais textos; 2) paratextualidade, se refere à totalidade da obra literária e seus títulos, prefácios, ilustrações, comentários, ou seja, as informações acerca do livro; 3) metatextualidade, se remete à relação crítica explícita ou implícita tanto na literatura quanto no cinema; 4) arquitextualidade, que sugere nomenclaturas similares ao título da obra literária, no entanto há filmes que são mais difíceis de identificar esse vínculo, pois adotam outros títulos; 5) hipertextualidade, a qual se pode observar de forma mais evidente na

---

<sup>12</sup> GENETTE, Gérard. *Palimpsestes: la littérature au second degré*. Paris: Seuil, 1982.



adaptação, sendo o filme o hipertexto dos textos narrativos, os quais são considerados hipotextos, bem como os filmes produzidos anteriormente. O hipertexto possui vínculo com essa anterioridade pré-existente, transformando-o, ampliando-o ou modificando-o. Sendo assim, o personagem Humpty Dumpty no livro *Alice Através do Espelho* é o hipertexto do que o escritor Lewis Carroll já ouvira ou lera naquela época que, por sua vez, tornou-se hipotexto na produção do filme *O Gato de Botas*.

Além da quinta categoria, podemos observar que há a presença também de relações intertextuais. Termo cunhado por Julia Kristeva, a intertextualidade tem fundamento no dialogismo de Bakhtin, que evidencia a pluralidade de “vozes” em um texto (STAM, 2006). Nota-se, portanto, que existe esse diálogo entre a fábula de Esopo, o conto de Charles Perrault e o romance de Lewis Carroll, já que os personagens dessas histórias convivem e vivenciam uma nova aventura na produção cinematográfica, ressignificando e recriando a sua anterioridade.

A literatura e o cinema são dois sistemas de signos distintos, isto é, cada um possui sua linguagem própria, estilos, etc. Assim, ler um livro e assistir a um filme são atividades distintas que produzem efeitos diferentes no leitor ou espectador, pois cada uma possui técnicas próprias em sua criação. O cinema propicia a utilização de efeitos sonoros e imagéticos e outros artifícios não contidos no texto escrito. A adaptação de obras literárias para o cinema confere um caráter de atualidade aos textos escritos ao incorporar elementos contemporâneos à narrativa *original*. Dessa forma, citamos Robert Stam:

Uma adaptação é *automaticamente* diferente e original devido à mudança do meio de comunicação. A passagem de um meio unicamente verbal como o romance para um meio multifacetado como o filme, que pode jogar não somente com palavras (escritas e faladas), mas ainda com música, efeitos sonoros e imagens fotográficas animadas, explica a pouca probabilidade de uma fidelidade literal, que eu sugeriria qualificar até mesmo de indesejável. (2008, p.20)

Dessa forma, os textos literários são deslocados para a contemporaneidade e suplementados, já que há a combinação de narrativa, a inserção de elementos e a utilização de técnicas específicas tais como: a montagem, a movimentação da câmera, planos, entre outros. Segundo Silviano Santiago, “o importante está na capacidade que tem o livro de gerar *espaços pósteros*, diferenciados cronologicamente, leituras-respostas-resgates, cada vez mais completas e complexas, que alicerçam o seu valor e o reconhecem como atual fora do seu tempo de produção.” (2004, p.120-121). Por essa

razão, percebemos que esses deslocamentos oferecem estes espaços pósteros, visto que, ao adaptar as obras, o diretor/tradutor trouxe a sua leitura sobre o personagem para a telona. O estudo das operações de ressignificação do personagem para o filme, portanto, possibilita uma discussão sobre tradução intersemiótica como forma de reconhecimento da adaptação como enriquecimento e suplemento do texto escrito.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os estudos linguísticos, bem como os de Tradução Intersemiótica são considerados recentes historicamente, o que conduz a pensar que muito há de ser discutido e refletido. Por se tratar de uma área multidisciplinar que abarca teorias de várias áreas de conhecimento, a Tradução levanta muitos questionamentos e dúvidas. No entanto, isso nos permite refletir e engrandecer nossos pontos de vista. Ao libertar-se das preocupações com a equivalência, o tradutor é capaz de compreender melhor sua atividade e de se permitir maior criatividade. Há inúmeras leituras e formas de interpretação o que possibilita diversas ressignificações e recriações cinematográficas. Isso assegura a sobrevivência dos textos literários considerados clássicos e de autores como Lewis Carroll.

Ambos os romances possuem alusões satíricas, referências a poemas populares infantis e menções linguísticas e matemáticas construídas através de enigmas. A obra revela ainda traços moralistas ditados pelas regras difundidas na época e de uma literatura escapista com o objetivo de se refugiar dos problemas sociais os quais a Inglaterra enfrentava. Chris Miller optou em utilizar o personagem *Humpty Dumpty*, do livro *Através do Espelho e o que Alice Encontrou por Lá*, para participar da trama do seu filme, bem adicionou personagens de outras histórias infantis, promovendo o diálogo de outros textos, o que enriquece a trama. Utilizando-se das técnicas e recursos disponíveis pelo cinema, Miller deslocou-o para a contemporaneidade e ampliou sua atuação, transformando-o em antagonista. Assim, o filme, de certa forma, reverencia a anterioridade, mas traz mudanças. Isso propicia a longevidade das obras de Lewis Carroll, mantendo-a viva e atualizada.

## **REFERÊNCIAS**

ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. 4 ed. São Paulo: Ática, 2003.

CARROLL, Lewis. *Alice*: edição comentada. Tradução Maria Luiza Xavier de Almeida Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

CARROLL, Lewis. *Through the looking glass and what Alice found there*. England: Penguin Books, 1994.

CARVALHO, Castelar de. *Para compreender Saussure*: fundamentos e visão crítica. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Tradução Luiz Roberto Salinas Fortes. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

FLORES, Élio Chaves; VASCONCELOS, Ínia Helena Guedes de. *A era vitoriana*: a duração de um reinado. São Paulo: FTD, 2000. Coleção Para Conhecer Melhor.

*Gansa de ovos de ouro*. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/O\\_Ganso\\_de\\_Ouro](http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Ganso_de_Ouro)>. Acesso em 29 abril 2013.

*Humpty Dumpty Rhyme*. Disponível em: [http://www.rhymes.org.uk/humpty\\_dumpty.htm](http://www.rhymes.org.uk/humpty_dumpty.htm). Acesso em 02 abr 2013.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Tradução Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 17 ed. São Paulo: Cultrix, 2005. p. 63-72.

*João e o pé de feijão*. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o\\_e\\_o\\_P%C3%A9\\_de\\_Feij%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_e_o_P%C3%A9_de_Feij%C3%A3o)>. Acesso em 13 maio 2013.

*Puss in boots*. Direção: Chris Miller. Produção: Andrew Adamson, John H. Williams e Guillermo del Toro. Intérpretes: Antonio Bandeiras e outros. Roteiro: Brian Lynch, David H. Steinberg. EUA: Paramount Pictures, 2011. 90 min.

*Rei Ricardo III de Inglaterra*. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ricardo\\_III\\_de\\_Inglaterra](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ricardo_III_de_Inglaterra)>. Acesso em 03 abr 2013.

SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre*: crítica literária e crítica cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

STAM, Robert. *A literatura através do cinema*: realismo, magia e a arte da adaptação. Tradução Marie-Anne Kremer e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

STAM, Robert. Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade. New York University. *Revista Ilha do Desterro*. Florianópolis. nº 51. p.-019-053. jul./dez. 2006. Disponível em <[www.periodicos.ufsc.br](http://www.periodicos.ufsc.br)>. Acesso em Dez 2011.

SUSINA, Jan. *The Place of Lewis Carroll in Children's Literature*. Routledge: New York, 2011. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books>>. Acesso em 15 abr 2013.